

Artigos

O fenômeno da solidão humana à luz da filosofia do absurdo de Albert Camus

Hugo Danivaldo do Nascimento Correa Junior¹

Arthur Freitas Hidalgo²

¹ Graduado em filosofia - Faculdade Salesiana Dom Bosco.

² Graduado em filosofia - Universidade Federal do Amazonas.

✉ hugodanivaldo@gmail.com

✉ arthurfreitas@gmail.com

Palavras-chave:

Solidão.

Absurdo.

Fenomenologia.

Albert Camus.

Resumo

Nossa pesquisa trata do fenômeno da solidão humana e suas aproximações a filosofia do absurdo. A solidão apresenta suas oscilações que, por vezes tendem a ser positivas ou negativas, quando interpeladas às relações estabelecidas com os demais. A filosofia do absurdo traz uma reflexão em relação à vida e a uma ausência racional que a justifique. Ela aponta para o isolamento vivido a partir de uma separação do humano com um sentido que o explique como ser existente. Os objetivos traçados nesta pesquisa foram: enunciar a filosofia do absurdo contida no pensamento de Albert Camus; apresentar características do fenômeno da solidão humana; relacionar o fenômeno da solidão humana à luz da filosofia do absurdo. A metodologia adotada foi a abordagem fenomenológica. Os resultados alcançados mostraram que o fenômeno da solidão se dá como um sentimento natural, que carece de compreensões para que seja experimentado de forma lúcida. A filosofia do absurdo sugere uma reflexão aprofundada em relação à vida e não esgota um sentido para a existência, chamando esta constatação de absurdo. A relação da filosofia camusiana com o fenômeno da solidão sugere uma compreensão da solidão existencial, com o isolamento experimentado no cotidiano, propondo uma aceitação em relação às suas inerências.

1 INTRODUÇÃO

O fenômeno da solidão humana é de fato algo desafiador em relação aos significados que a constituem. Durante toda a história se percebem resquícios deste sentimento presente nos laços afetivos traçados por pessoas e as transformações que surgiram a partir do experimentar da mesma. Pode ser fácil identificar consequências negativas que ela proporciona, ao mesmo tempo que se torna desafiador entender a possibilidade de uma experimentação correta que garanta uma amenidade em quem as sentem.

A Filosofia do Absurdo é, em si, fruto do trabalho reflexivo de Albert Camus (1913-1960) em relação à sua visão do existir promulgado à luz angustiante da falta de sentido para o ser humano e o mundo onde habita. Tendo-se constatado uma falta de sentido para o viver, Camus descreve em grande parte de suas obras a vida de personagens usando a literatura como expressão filosófica, na tentativa de dar uma compressão descrita ao inexplicável fato da existência, nomeada por ele de Absurdo.

A problemática que acompanha todo este trabalho é como o fenômeno da solidão humana pode ser compreendido à luz da filosofia do absurdo de Albert Camus.

Há uma enorme necessidade de compreensão em relação ao fenômeno da solidão. Neste século a tecnologia possibilitou uma interação significativa na vida dos indivíduos em geral. A comunicação, mesmo que virtual, tornou ainda mais fácil o contato, seja ele linguístico ou visual, com o outro. Ainda assim, a solidão parece comandar a ótica dos relacionamentos estabelecidos cotidianamente, trazendo à tona a precisão de uma reflexão especial que vise estruturar argumentos que descrevam as ambiguidades e dubiedades deste sentimento humano.

Albert Camus, filósofo existencialista, viveu no período entreguerras (Séc. XX), conhece por experiência, tanto a sensação quanto o ato do isolamento. Em muitas de suas obras, ele trata a solidão como uma condição humana, elencando a falta de sentido do existir que leva o humano à solidão. Uma filosofia que pode nos ajudar na compreensão da ausência em comunicação, de uma sociedade tecnologicamente ligada e com vínculos sociais cada vez mais fragmentados.

Esta pesquisa bibliográfica pretende apontar de que forma a solidão humana pode ser entendida à luz da Filosofia do Absurdo contida no pensamento de Albert Camus. Primeiramente será apresentado a filosofia do absurdo. Na segunda parte, serão apresentadas as características do fenômeno da solidão humana, por fim, propõe-se a possibilidade de compressão da solidão humana relacionando-a à filosofia camusiana.

2 A FILOSOFIA DO ABSURDO

A falta do sentido da vida é o ponto de partida essencial para a compreensão do pensamento existencialista camusiano e, a ausência deste sentido é o que orienta toda a argumentação que Camus faz ao discorrer sobre sua visão do existir, compreendida como Filosofia do Absurdo.

A Filosofia do Absurdo pode ser considerada o ápice reflexivo do pensador argelino, Albert Camus, e o principal eixo norteador da maioria de suas obras. Para Camus (2017), não há uma exatidão argumentativa em relação à existência humana, sendo, então, a falta de sentido a única certeza que se pode alcançar.

Antes de qualquer coisa que careça de entendimento, a existência assume, na Filosofia do Absurdo, uma posição preferencial onde a pergunta de maior relevância a ser feita e refletida, segundo Camus (idem), é aquela relacionada ao existir humano. Para Ribeiro e Naponuceno Júnior (2018), o que caracteriza um profundo processo de entendimento do existir, é a relação harmônica do homem com o mundo. Camus alinha de absurdo, a ausência desta harmonia.

Para Camus (2017), o questionamento que precisa ser alcançado pela consciência humana é o viver, o existir e a razão de ser do homem. Partindo desta perspectiva, tem-se noção desta inalcançável verdade, chegando-se, então, à mais importante pergunta filosófica que está diretamente ligada à validade do viver. Tal pergunta é um questionamento autônomo e interpessoal (idem).

A descrição do sentimento causado pelo absurdo existencial é algo fundamental para uma compreensão delimitada do pensamento camusiano em relação à existência humana e sua falta de sentido, Camus (idem, p. 65) afirma que “o homem absurdo vislumbra assim um universo ardente e gélido, transparente e ilimitado, no qual nada é possível, mas tudo está dado, depois do qual só há o desmoronamento e o nada”.

Para alguns pensadores, como por exemplo Wittgenstein, seria o desfecho de uma amarga verdade que condiciona uma agonia na razão do humano. Para ele “a nossa relação com a realidade se consome no pensar” (1987, p. 68 apud BUZZI, 2005, p 32). Quando o processo de reflexibilidade humana não alcança uma explicação para o próprio fato da existência chega-se a esta dita agonia, sentimento que pode levar a decisões até mesmo em relação ao viver, o que depois Camus (2017) trata com muita prudência ao falar da decisão de viver ou morrer. Neste sentido, o absurdo é a única certeza a ser encarada como racional, aquela de que não se compreende o viver, o existir.

Ter a consciência do Absurdo é, então, condição para uma existência lúcida (idem). A maioria dos escritos de Camus relatam características humanas que são desreguladas: angústia, tristeza, descontentamento, relacionamentos confusos e, principalmente solidão; porém, a obra que mais direciona argumentos relacionados diretamente ao pensamento do absurdo camusiano é O Mito de Sísifo.

Nesta obra, Camus (idem) encara o suicídio como o extremo do absurdo existencial, sendo o maior dos problemas a ser encarado. Sísifo é um personagem alegórico que, condenado a rolar uma pedra a uma encosta curvada, tem a percepção de seu trabalho inútil, uma alusão a realidade enxergada por Camus, de uma vida absurda e sem sentido (LINS, 2016).

No fundo das interpretações que, na maioria das vezes são feitas em perspectivas filosóficas, o Absurdo é dado como conclusão, triste e incontestável, fim último de quem se debruça na grande incógnita existencial (RIBEIRO; NAPONUCENO JÚNIOR, 2018). Segundo Lins (2016, p. 41), “não se trata da criação do homem ou do mundo, o absurdo é o rebento nascente do encontro entre os dois”.

Nesse sentido, Camus (2017) a única ideia racional e lúcida é o fato de uma inexistência a respeito do sentido de viver. O absurdo então seria a única coisa que liga o homem ao mundo em que ele vive, nada mais pode ser tomado como certeza, depois desta constatação. Para caracterizar o absurdo como uma ideia a ser encarada é preciso entendê-lo como algo fundamental; sobre isto, Camus (idem, p. 38) descreve a seguinte pergunta: “no que se constituiu o fundo do conflito, da fratura entre o mundo e meu espírito, se não a consciência que tenho dela? ”. Assim, o absurdo pode ser entendido como a ausência de uma explicação que contente à consciência humana.

Camus (idem) descreve, ainda, que há, sobre o ser humano, uma condição de desespero promulgada a partir da consciência do absurdo. Para chegar à constatação dessa angustiante consciência, Camus (2013, p. 27) enuncia “ [...] o estado da alma vazia, ou cheia pelo nada, em que o coração procura em vão o que lhe falta”.

Para que se possa compreender a filosofia refletida por Camus, que possivelmente enxerga o humano isolado até mesmo do sentido de existir, Lins (2016, p.41) pontua que “o absurdo humano, é uma forma peculiar de daltonismo do ser, que torna a vida apagada, sem cores ou a tingem com um cinza indiferente”. Na perspectiva do absurdo, o suicídio pode ser uma decisão a ser tomada a partir da lucidez de uma consciência racional. Camus (2017, p.21) dá ênfase à tal atividade ruidosa ao afirmar que, “matar-se em certo sentido é como no melodrama, é confessa”.

A confissão, neste sentido, relaciona-se à vida. Confessar que não se pode desvendar a vida e que se foi vencido por ela. Assim, não se entende o sentido dela, portanto, a morte pode ser uma grande opção, já que não se sabe o porquê se vive. Ainda, para Lins (2016, p. 14), apesar de Camus não pertencer ao cenário hodierno, ele é de extrema importância para as reflexões ligadas ao sentido da vida, sobretudo quando pontua que “o humano ainda padece em uma vida carente de valores que o leva ao isolamento”. Nesta carência é que surge a constatação da consciência do absurdo.

Visto isso, a filosofia do absurdo pode ser vista como uma perspectiva segura e conclusiva e passa a ser a única coisa ao qual o ser humano pode se apegar como certeza em relação à vida. Assim assume-se o absurdo que descreve a irracionalidade da vida tido como única verdade existente (idem). Não se sabe a razão pela qual se existe no aqui, nem tampouco, no devir; menos ainda a razão da existência, só se existe e disto se tem consciência, é a consciência que vive a triste e mais óbvia verdade, aquela que escraviza as emoções. Ninguém pode responder à existência e isso não é o romper da vida, se não, dar início a uma nova consciência menos ilusória.

Na sequência, serão vislumbradas algumas das características do fenômeno da solidão e suas implicações no cotidiano na tentativa de compreender o isolamento a partir de uma perspectiva filosófico-científica.

2.1 Características do fenômeno da solidão humana

A solidão humana é um fenômeno a ser observado, compreendido e, acima de tudo, enfrentado. Nem sempre é um problema, contudo é essencial entendê-la como parte constituinte da pessoa humana. Para Buzzi (2005), a solidão consiste em uma realidade isolada, vislumbrada pela consciência onde indizivelmente se mora, dentro do próprio existir, consigo mesmo, e quando confrontada à existência do outro, torna-se vulnerável.

Entende-se assim que da mesma forma que uma pessoa sente a sede, como um recado de que o corpo necessita de hidratação, o humano sente a solidão como um lembrete de que os vínculos sociais são precisos (CACIOPPO; PATRICK, 2010). Este não é um argumento do momento hodierno, pois o fenômeno da solidão é parte intrínseca da natureza humana (BUZZI, 2005). Cacioppo e Patrick (2010, p. 14) afirmam que “desde o homem primitivo, já haviam esboços de que a união promovia a continuidade da vida”.

Durante a evolução da mente humana é perceptível o surgimento de uma nova consciência uma vez que se vivia de forma instintual. O ser humano passa a sentir os efeitos da solidão, é quando se necessita do surgimento de agrupamentos sociais. A possibilidade de sobrevivência era maior quando em grupo (idem). Talvez essa tenha sido a primeira especificação de sociedade. Em uma visão mais antropológica, Stork (2005, p. 258) entendem que “a sociedade é uma espécie de invenção construída pelo homem, para emergir do estado de selvagem ou pré-social, e conseguir assim, aquilo que necessita para viver, por meio de um acordo entre um conjunto de indivíduos independentes”.

Com esta recordação histórico-científica, pode-se, então, reforçar ainda mais a certeza da participação fenomenológica da solidão na existência (BUZZI, 2005). Contudo, a solidão é parte do homem, todo homem é solidão (CAMUS, 2017). Portanto, o questionamento de maior importância a ser respondido está relacionado à boa ou má experimentação da solidão. É importante salientar que houve uma enorme evolução desde a mentalidade do ser humano, quanto do espaço em que ele é inserido; mesmo assim, o fenômeno da solidão continua presente na consciência humana e parece engendrar uma ótica deturpada em relação aos laços afetivos traçados pelas pessoas (CACIOPPO; PATRICK, 2010).

Assim, a partir do avanço tecnológico acentuado nas últimas duas décadas, a tecnologia facilitou em muito a comunicação e há uma nova geração virtualmente vinculada, com uma comunicação facilitada. Com isso, a praticidade linguística que gera informação ficou ainda mais usual através das redes sociais e outros mecanismos que possibilitam a comunicação, mesmo virtual, ao outro. Tudo começa quando mesmo em um mundo tecnologicamente ligado, ainda assim, os números de casos relacionados a solidão como um problema, são crescentes e parecem ser cada vez mais desafiadores (idem). É, também,

preocupante quando a solidão se torna uma patologia capaz de induzir a outros fenômenos considerados desastrosos, como, por exemplo, angústia, depressão e, até mesmo suicídio (ALENCAR, 1986).

A solidão começa desde o momento em que alguém se entende por solitário (idem), isto é, no escuro, alegoricamente falando. A solidão mal compreendida pode fazer parte de algumas concepções deturpadas em relação a mesma, Cacioppo e Patrick (2010, p.25) “sugerem que a disrupcao, tanto fisiológica quanto comportamental e pode transformar uma necessidade insatisfeita de vínculo em uma condição crônica”. Em outras palavras, a solidão pode ter seu início anormal relacionado a fatores biológicos, em relação a ambientes ou experiências passadas.

Um ponto fundamental a ser discutido a partir da solidão, vista fenomenologicamente como um problema, é a questão da individualidade. Na era primitiva a sobrevivência dos povos primitivos estava fortemente ligada à união que favoreceria a continuidade da comunidade (CACIOPPO; PATRICK, 2010) como visto acima. Porém, em um mundo tecnologicamente ligado, a solidão parece conduzir a visão em relação aos sistemas afetivos que ligam os seres humanos ou, talvez o maior problema seja a escolha pelo individualismo. Neste sentido, Cacioppo e Patrick (idem, p. 72-73) descrevem o que poderia ser, historicamente, o primeiro passo em direção a uma escolha pelo Eu e afirmam que

[...] a tendência em direção a um maior isolamento foi inaugurada por um novo foco cultural sobre o individualismo. Essa mudança filosofia foi reforçada pela ascensão da teologia protestante, que enfatizou a responsabilidade individual, mesmo em termos de salvação.

Nesse sentido, a individualidade foi ainda mais reforçada quando se entendeu que até mesmo a continuidade esperançosa de uma próxima vida dependia cabalmente de quem a almejava. Em vista disto, pode ser preocupante quando o ser humano passa a se ater da ideia de que o individualismo pode ser um caminho a ser abraçado com sucesso (idem).

Nem sempre o fenômeno da solidão está ligado a fatores problemáticos. O ponto a ser discutida está ligado à má ou boa experimentação deste fenômeno. O isolamento iluminado pela consciência é um exemplo sucinto em relação a autonomia solitária (BUZZI, 2005). Para este autor ela inspira, tece e ampara todos os encontros. Nesse sentido, Buzzi (idem, p.63) afirma que

[...] na existência humana, na participação dos fenômenos que nos ocorrem no cotidiano, tão fora dos nossos cálculos, nos repentes inesperados e de suas perdas, cresce a solidão, como uma dor. Para lá, vai a maior das solidões, aquele de que se é ciente, dolorosamente precisa, que sequiosos de sua noite repousante, cansados dos excessos. Solidão é saudade do retorno, e retorno é sempre a alegria de quem partiu.

A solidão é também algo necessário a partir de uma realidade compreendida pela consciência, caso contrário não seria possível, se autoavaliar, educar os filhos a partir de uma reflexão, construir ideias e nem mesmo realizar um estudo que dá lugar a estruturadas obras bibliográficas. Estar sozinho é também, relevante (CACIOPPO; PATRICK, 2010).

Por isso, a importância de entender o fenômeno da solidão desde o momento em que se dá como parte da existência até o momento em que ele causa transtornos que deturpam a realidade. Precisa ser enfrentado na luta contra a perspectiva tecnológica que individualiza e, acima de tudo, aceitado como parte essencial na construção da própria personalidade. Não é fácil fazer uma triagem que possibilite um equilíbrio total de um fenômeno real e deturpo, mas, segue-se adiante na tentativa de estruturar concepções argumentativas que viabilizem a possibilidade de uma autonomia capaz de estabelecer um bem-estar com próprio existir.

Seguidamente, pretende-se estabelecer uma relação da Filosofia do Absurdo com o fenômeno da solidão humana, a fim de entender e propor uma aceitação de ambas as realidades descritas anteriormente.

2.2 O fenômeno da solidão humana á luz da filosofia do absurdo

A solidão humana é de fato um fenômeno bastante diversificado em relação aos significados que ela apresenta. Até aqui, entendeu-se solidão como uma condição natural, partícipe da existência, inerente ao ser humano e sentida com oscilações que carecem de certa compreensão para que não seja experimentada de forma errônea.

Dada como um estado de consciência, a solidão acompanha o homem em toda sua vida, sendo um sentimento que lembra a necessidade do vínculo com o outro (CACIOPO; PATRICK, 2010). O fenômeno da solidão, parece ter ocupado um lugar de destaque nas relações estabelecidas entre as pessoas, mesmo em uma cultura tecnológica, a comunicação, a vinculação social e os laços afetivos dos indivíduos é expressivamente tanto dependente quanto relacionada a períodos passados.

A Filosofia do Absurdo de Albert Camus enuncia uma reflexão em relação à vida. Nela, dá-se à luz uma amarga constatação da razão esgotada do viver. Ao se questionar sobre a existência, chega-se então à mais angustiante possibilidade, que encerra a grande dúvida em relação ao existir. A filosofia camusiana não só reflete a ausência de um sentido para a vida, como também, expõe as implicações deste sentimento de absurdo no cotidiano das relações humanas (LINS, 2016). Como já visto anteriormente, o pensamento de Camus (2017) descreve no ser humano a incapacidade de refletir sobre a validade do viver e, principalmente, o joga em um questionamento interpessoal.

Assim, pode-se considerar haver uma notável relação entre o fenômeno da solidão e a filosofia do absurdo. Para Camus (idem), a existência não possui uma razão, simplesmente se vive, não havendo sentido para o viver, pode-se dizer, assim, que o homem existe na solidão. Em outras palavras, a filosofia camusiana parece considerar o homem isolado até mesmo de um sentido que o explique, seja de modo alegórico ou não. O ser humano vive a solidão em relação a uma explicação que o contente no existir. Neste sentido, Bispo e Rosa (2013. p. 19) afirmam que

[...] na filosofia do absurdo, Camus levanta questionamentos que são atuais. O humano ainda padece em uma vida carente de sentidos e valores que o leva ao isolamento. Na carência dessa alusão em relação a existência, surge a constatação da consciência do absurdo.

Para a filosofia do absurdo, a solidão é parte da condição da existência e acompanha o homem no sempre (LINS, 2016). Camus descreve a solidão e sua visão em relação a ela, sempre partindo das experiências que ele mesmo experimentou, o escritor viveu de perto o holocausto das duas grandes Guerras Mundiais do século XX, perdera nelas sua família e passa a sentir na própria existência um isolamento angustiante e absurdo (idem).

Partir para uma consciência de compreensão da solidão não é algo fácil, principalmente quando se entende um isolamento até mesmo em relação a um sentido de existir. Vale lembrar que Camus não adota concepções divinizadas e, por ser ateu, não encontra sentido para vida em figuras religiosas (LINS, 2016). No entanto, precisa-se entender que, mesmo a solidão sendo parte da natureza, ninguém consegue viver sozinho. É o que Cacioppo e Patrick (2010) indicam quando afirmam que a natureza também é vinculação.

2.2.2 A solidão humana no cotidiano do absurdo

Não se encontra nenhuma outra realidade onde se possa discutir o fenômeno da solidão, mesmo em relação a um sentido existencial, se não nas relações estabelecidas no cotidiano. Os escritos de Camus narram o cotidiano de personagens, mesmo de forma alegórica, que estão ligadas intrinsecamente ao fenômeno do isolamento, trechos esses, muito semelhantes aos relatos da obra *Solidão*.

Para Camus (2017), a falta de sentido para o existir, traspassada por um sentimento angustiante, desemboca um estado solitário em relação à vida. No existir de Mersout, personagem da obra *O estrangeiro*, Camus (2007, p. 27) descreve esse sentimento de solidão, dizendo:

Sua vida oscilava todos os dias nos odores de café e alcatrão, isolada dele próprio e de seus interesses, estranha a seu coração e sua verdade. Era verdade que por mais endurecido que fosse, um temor se apossava desse homem em determinados momentos, fazendo-o avaliar a extensão de seu abandono.

Se no pensamento de Camus sobre a existência encontra-se características que apontam para o isolamento no cotidiano, o fenômeno da solidão na vida real também ajuda a compreender o perigo de uma imagem dúbia em relação a este sentimento natural e preciso. Na obra *Solidão*, supracitada, encontra-se um relato a respeito da vida de um casal, cuja a esposa sofre as consequências da solidão a partir da má compressão do sentimento solitário. Cacioppo e Patrick (2010, p. 33) relatam:

Certa vez, uma jovem recém-casada, repreendeu seu esposo por ter comprado um tipo errado de geleia em relação a sua preferência. “Você sabe que eu odeio uva”. Na verdade, a questão das geleias nunca viera à tona. Ele pensou estar agradando. Na cabeça dela, no entanto, ele estava intencionalmente desrespeitando suas preferências. A verdadeira questão não era a geleia, mas as dúvidas e os medos em relação ao casamento, que geraram a sensação de isolamento. Pelo fato de abandonos passados, ela agora repudiava todo medo em relação à ameaça que chamados de solidão.

Portanto, pode-se perceber que o fenômeno da solidão se caracteriza de forma muito explícita na realidade do cotidiano e pode prejudicar as relações estabelecidas com os demais. Uma visão bem estruturada referente ao isolamento pode ajudar a driblar sentimentos ilusórios causados a partir da solidão. É de suma importância não se ter uma má experimentação da solidão em relação às atividades estabelecidas a partir da convivência com o outro, do contrário, viver-se-ia a triste e deturpada visão de um abandono que só existe na consciência.

[...] assim como outras pessoas tem necessidade de solidão antes de tomarem grandes decisões e de jogar parte essencial de sua vida, ele, envenenado de solidão e de isolamento, tinha necessidade de refugia-se na amizade e na confiança de provar uma segurança que preenchesse seu coração. Mersout sentiu que devia falar.

Neste sentido, a amizade, o contato com o outro, as comunicações dos sentimentos são elementos que garantem uma positividade em relação ao absurdo existencial. Cacioppo e Patrick (2010, p. 289) afirmam que “nascemos perdidos. Assim que ganhamos consciência plena, descobrimos a solidão. Precisamos dos outros fisicamente, emocionalmente, intelectualmente; precisamos deles se queremos conhecer qualquer, mesmo a nós mesmos”. Visto isso, Camus (1963) descreve situações de isolamento em que as pessoas são separadas por um muro que sitia uma certa cidade, o apartar das relações que geram comunicação fomentam então um sentimento de solidão desregulada, a ocasião onde ocorre a história não narrava um indivíduo, mas exaltava um conforto em relação a proximidade com os outros.

Portanto mesmo na tragédia ou em qualquer outra realidade negativa, estar junto pode ser considerada a melhor opção de superação do ocorrido. Sobre isto, Camus (idem. p. 135) relata que “já não havia então destinos individuais, mas uma história coletiva que era a peste e os sentimentos compartilhados por todos. O maior era a separação e o exílio, com o que isso comportava de medo e de revolta”. Até mesmo o sentimento de absurdo pode ser considerado como um sentimento de ligação com os demais, ninguém sabe o sentido da vida (idem, 2017), e todos vivenciam esta mesma situação.

Desta forma, pode-se compreender que mesmo a vida sendo sem sentido, mesmo a solidão estreitando relações e sendo interpretada na maioria das vezes a partir de uma visão dúbia, é preciso estabelecer uma compreensão com a natureza da existência humana e, a partir de então, viver de forma mais racional. Há uma necessidade de fazer da vida, algo a mais do que poeira animada (CACIOPPO; PATRICK, 2010). Mesmo no pensamento camusiano, que descreve a ausência um sentido existencial, não se pode esgotar a vida, nem mesmo recorrer a qualquer outra ideia que não vise o enfrentamento deste sentimento lacunar, é preciso aceitar a existência como ela é (LINS, 2016).

Para ilustrar a realidade absurda e solitária do ser humano, Camus (2017) descreve a história de Sísifo, que condenado a rolar uma pedra em um declive por desobediência aos deuses da mitologia grega, tem a percepção de seu trabalho inútil, pois assim que o personagem atingia o alto da encosta, a pedra tendia a voltar para o mesmo lugar de onde foi retirada (BISPO; ROSA, 2013). Contudo, ele não o decide parar e aceita a sua condição absurda. No mais, essa aceitação precisa também estar clara na consciência de cada humano. Não há noção a respeito da razão de existir, mesmo assim, é preciso existir.

A filosofia do absurdo, não esgota um sentido para a existência, mais interpela o fenômeno da solidão e garante que a melhor escolha pode ser a opção pela vida e é justamente o absurdo da existência que deve aproximar ainda mais uns dos outros. Camus (2017, p.124) diz que “a própria luta para chegar ao cume basta para encher o coração de um homem. É preciso imaginar Sísifo feliz”.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Albert Camus dedicou-se a descrever suas concepções existencialistas em uma perspectiva que vislumbra abarcar uma boa parte das características que compõem as relações humanas e suas ambiguidades. Debruçado à angustiante pergunta sobre o existir, Camus entende a incapacidade de compreender a vida e decide por fim, aceitar o inalcançável.

O fenômeno da solidão humana, visto como um sentimento pertencente ao ser humano e pode ser compreendido de muitas formas. De fato, a solidão é algo que não pode ser separado do ser humano, faz parte da sua existência. É preciso haver uma boa experimentação deste sentimento, para que ele não se torne uma deficiência crônica e depende, desembocada em uma insatisfação angustiante.

A filosofia camusiana elenca alguns sentimentos gerados pelo absurdo da existência, dentre eles a solidão. Portanto são diretamente ligados ao fenômeno do isolamento, primeiro em relação ao sentido da vida, que aponta para um descontentamento nos laços afetivos gerado entre pessoas.

A filosofia do absurdo descreve seres humanos solitários que, atrelados às características do fenômeno da solidão, conseguem emergir a uma maturidade em relação à vida. O fenômeno da solidão é a necessidade de vínculos com o outro, que quanto desequilibrada, carece de uma ressignificação em relação ao seu sentir. O pensamento de Camus, proporciona argumentos que discutem a existência de descontentamentos humanos, e sugere uma adaptação aceitável que deia continuidade a vida.

Reconhecemos a profundidade do fenômeno da solidão, tal qual, a enorme produção filosófica de Camus. Este artigo não tem pretensão de esgotar a discussão em relação ao isolamento, muito menos expor a totalidade do pensamento camusiano, pelo contrário, quer incentivar ainda mais a reflexão filosófica a esse respeito. Priorizamos uma pesquisa a partir dos conceitos e das produções bibliográficas e sentimo-nos satisfeitos com ela, desde a apresentação de características importantes que podem contribuir para uma compreensão da solidão em relação com a Filosofia do Absurdo, dando margens para outras pesquisas, em campo inclusive.

No mais, sentimo-nos satisfeitos por ter-nos apresentado características que contribuíssem para uma compreensão da solidão em relação com a filosofia do absurdo. A sociedade ainda carece de sentidos que expliquem as lacunas existenciais que apontam para descontentamentos como a solidão. É preciso aceitar este sentimento e maturá-lo para que seja experimentado com lucidez, mesmo em um mundo absurdo.

REFERÊNCIAS

ALENCAR, Eunice. **Psicologia**: introdução aos princípios básicos do comportamento. 7 ed. Petrópolis: Vozes, 1986.

BISPO, M; ROSA, R. O mito de sísifo: a decisão de viver ou suprimir a vida. **Revista de Filosofia da UESB**. Santa Cruz, v. 1, p. 01-05, 2013.

BUZZI, Arcângelo. **A existência humana no mundo**. Petrópolis: Vozes, 2005.

CAMUS, Albert. **A peste**. 3 ed. Rio de Janeiro: Opera Mundi, 1963.

CAMUS, Albert. **A morte feliz**. Rio de Janeiro: Record, 2007.

CAMUS, Albert. **O estrangeiro**. 4 ed. Rio de Janeiro: Best Bolso, 2013.

CAMUS, Albert. **O mito de Sísifo**. 9 ed. Rio de Janeiro: Best Bolso, 2017.

CAPCIOPPO, J.; PATRICK, W. **Solidão**: a natureza humana e a necessidade de vínculo social. Rio de Janeiro: Record, 2010.

LINS, Rafael Castro. **Albert Camus**: da angústia ao suicídio filosófico. Tese de Doutorado. 21f. Universidade Federal de Juiz de Fora. Brasil. 2016.

RIBEIRO, Joaquim Hudson de Souza; NAPONUCENO JÚNIOR, Miguel Simões. O suicídio no mundo artístico e o pensamento camusiano. *In*: GUTIERREZ, Denise Machado Duran; RIBEIRO, Joaquim Hudson de Souza. (Orgs.). **Suicídio**: diálogos interdisciplinares. Manaus: FUA, 2018.

STORK, Ricardo Yepes. **Fundamentos da antropologia**: um ideal da excelência humana. São Paulo: Instituto Brasileiro de Filosofia e Ciência Raimundo Lúlio, 2005.